INTERVENÇÃO DO MINISTRO DA DEFESA, CELSO AMORIM, NA VII REUNIÃO MINISTERIAL DA ZONA DE PAZ E COOPERAÇÃO DO ATLÂNTICO SUL (ZOPACAS)

Montevidéu, 15 de janeiro de 2013

Gostaria de destacar minha grande satisfação em participar deste encontro da Zopacas. Me tocou, há quase 20 anos, presidir uma reunião da Zopacas, em Brasília, em 1994. Naquela época, e nos anos que se seguiram, houve dúvidas sobre a permanência desse fórum. Mas, graças aos esforços de muitos aqui presentes – quero destacar mais recentemente a presidência angolana e a disposição agora do Uruguai – esse fórum continua vivo.

A meu ver, ele se torna hoje ainda mais importante do que era quando foi pensado, na década de 80. Nós ainda vivíamos, naquela época, o final da Guerra Fria. Os conflitos internacionais de alguma forma se inseriam em uma certa ordem – talvez não a que nós gostássemos, pois havia muitas guerras civis, seguramente por influência externa de um lado ou do outro – mas o mundo era mais previsível.

Hoje nós vivemos uma realidade em que é muito difícil dizer exatamente onde irão surgir os conflitos, como eles irão surgir, e quais serão as intervenções externas nesses conflitos. Esses fatos tornam ainda mais importante e vital a manutenção da nossa zona de paz e cooperação. Nunca é demais ressaltar o caráter único desse fórum.

O Ministro Patriota talvez possa me corrigir, mas não me recordo de outra zona de paz no mundo composta por grandes massas de países de dois continentes. Isso obviamente está ligado ao fato de nós compartilharmos o Atlântico Sul, mas o mais importante não é apenas que estejamos unidos em torno do Atlântico Sul. O mais importante é esta união não é para atacar ninguém, nem sequer – necessariamente – para nos defender de um inimigo previamente determinado, como foi o caso de outras organizações que existiram no campo da defesa. A Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul nada tem a ver com outras experiências anteriores, como a OTAN ou a SEATO.

A Zopacas nasce com o objetivo de trazer a paz. De forma muito inteligente, os que a criaram pensaram que, para manter a paz, era muito importante que houvesse também a cooperação. Esse conceito, que combina paz e cooperação, deve ser desenvolvido, entre outros, por meio de resoluções das Nações Unidas.

Ao aprofundarmos nossas relações, evitaremos que o Atlântico Sul seja visto como um vazio de poder e, portanto, atraia forças externas às nossas regiões.

É por isso que, assim como os outros Ministros da Defesa que estão aqui hoje, venho a Montevidéu participar desta reunião, que é e continuará sendo, essencialmente, uma reunião de Ministérios das Relações Exteriores. A defesa tem aqui um papel importante. Não só em situações como as que foram mencionadas, como a pirataria, o tráfico de drogas e o terrorismo, que podem se aproximar de nosso oceano comum, mas também porque essas

mesmas atividades ilícitas podem atrair, de maneira negativa para a nossa área, intervenções externas.

Se nós não nos ocuparmos da paz e da segurança no Atlântico Sul, outros irão se ocupar. E não se ocuparão da maneira como nós desejamos: com a visão de um país em desenvolvimento que repudia qualquer atitude colonial ou neocolonial. É por isso que a Zopacas é um fórum único, de que não conheço semelhante no mundo.

Mas, justamente por ele ser único, muitas vezes pode parecer que os nossos objetivos são um pouco longínquos e abstratos. Em função disso, e da experiência passada, seria muito importante que nós conseguíssemos intensificar a cooperação em áreas muito específicas. Não vou me referir a outras, que já foram mencionadas pelo Ministro Patriota e por outros Ministros da Defesa: me aterei à área da defesa.

Muito já se tem feito em cooperação bilateral e trilateral em matéria de defesa, envolvendo países das duas regiões ou continentes. Naturalmente, essas experiências poderiam ser objeto de seminários informativos e de uma discussão transparente. Assim, todos os países podem acompanhar ou participar das atividades em curso e mesmo replicar essas experiências em suas sub-regiões. Há temas específicos que dizem respeito a todos os países, dos quais poderíamos começar a tratar de maneira muito simples e pragmática.

Um deles seria o mapeamento das plataformas continentais, dos recursos marinhos adjacentes às nossas costas. O Brasil já tem uma cooperação ampla nesse sentido com Angola e a está iniciando com outros países, como Namíbia e Cabo Verde. Certamente estaríamos dispostos a compartilhar essa experiência.

Outro tema que poderia ser objeto de um seminário é a segurança das rotas marítimas. Devemos trabalhar para a segurança das rotas marítimas no nosso entorno, no oceano de que somos ribeiros, de onde tiramos insumos e meios.

Igualmente, poderíamos ter um simpósio sobre como realizar operações de busca e salvamento, que envolvem Marinha e Força Aérea.

Menciono, ainda, a área das operações de paz – em que, inclusive, nosso país anfitrião possui grande experiência. Como podemos aprender uns com os outros nas operações de paz, quais as experiências de cada um nesse sentido? O Brasil desenvolveu uma experiência grande no Haiti, e antes estivemos presentes em Angola e em Moçambique. Sei que vários outros países estão presentes na África, onde há uma ação constante da União Africana, respaldada pela ONU, incluindo operações de paz.

Mencionei quatro temas, e poderíamos pensar em muitos outros, mas eu queria ser simples e ao mesmo tempo concreto. Se nós pudéssemos incluir no nosso plano de ação – que, a meu ver, ainda está um pouquinho abstrato –, esse seminário, ou a possibilidade de sua realização, o Brasil se disporia a sediar um deles, ainda no segundo semestre de 2013. E contribuiríamos para outros que se realizem em outros países, no espírito do desenvolvimento de um trabalho coletivo.

Finalmente, para não me alongar, gostaria de mencionar também a questão do pragmatismo nas nossas reuniões e nas nossas ações. Não é simples reunir 21 ou 22 países africanos e três – quem sabe no futuro quatro – países sul-americanos. É uma tarefa complexa, as agendas não se combinam, as datas são difíceis. Mas acho que podemos, com um pouquinho de imaginação, nos valermos dos foros que já existem – seja no âmbito da União Africana, seja no âmbito de organizações sub-regionais, como a Cedeao e a SADC, ou, no nosso caso, do Conselho de Defesa Sul Americano da Unasul – para fazermos reuniões da Zopacas que se

realizem à margem dessas outras reuniões. Acredito que isso facilitaria a presença, sobretudo, dos integrantes dos Ministérios da Defesa.

É importante, também, fazermos um esforço para que, nas reuniões que se realizam em Nova York, haja, por exemplo, a presença de altos funcionários também dos Ministérios da Defesa. Obviamente, nós não queremos militarizar a Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul, mas é difícil conceber que ela possa chegar aos seus objetivos sem que haja uma cooperação efetiva e real entre os Ministérios da Defesa. Até porque, várias questões que, na realidade, poderiam conceitualmente se inserir em outros âmbitos, por motivos práticos e operacionais terminam fazendo parte também dos estabelecimentos militares. Sobretudo na área da Marinha, que está presente em muitas operações ligadas ao meio ambiente marinho, policiamento do mar e etc.

Essas são as observações que eu queria fazer. Endosso as considerações já feitas aqui sobre a importância de mantermos a nossa área como uma zona de paz, de desenvolvimento, de prosperidade. Devemos lograr isso não tanto pela dissuasão uns com os outros, mas pela cooperação entre irmãos. Cooperando entre nós, também estaremos dissuadindo terceiros de interferirem nos nossos assuntos.

Obrigado.